Podcast de reportagem sobre o Direito à Culura Acessível. Episódio 2:

Locutora1: [00:00:00] Este podcast é apoiado pelo Programa Direitos, Igualdade e Cidadania da União Europeia.

Neven: [00:00:17] Seja bem-vindo ao podcast de Reportagem sobre os Direitos. Este é um programa que visa melhorar os direitos dos cidadãos com deficiência visual na Europa. O meu nome é Neven Milivojevic e vou apresentar o episódio de hoje. Hoje, vamos debruçar-nos sobre o importante direito da igualdade de acesso à cultura. O acesso à cultura, tanto enquanto profissional de cultura, como enquanto consumidor de cultura, é um grande desafio para os cidadãos com deficiência visual na Europa. E isto, apesar dos documentos políticos visionários e ambiciosos da Comissão Europeia, por exemplo, ou dos direitos tratados na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Hoje iremos ao encontro de especialistas e profissionais de cultura dos Países Baixos e da Bélgica e ouviremos mais informações sobre barreiras e desafios, mas também sobre um compromisso inspirador e sobre as ferramentas para chegar às soluções. Vamos primeiro ouvir o Rafael Arias da Espanha. Artista e pintor cego, estudou na Academia de Artes de Madrid e especializou-se em design gráfico e fotografia. Além da pintura, ele tinha a sua própria empresa de publicidade, que perdeu quando ficou totalmente cego aos 40 anos. Mesmo assim, decidiu continuar a pintar. A sua obra é composta por cerca de 300 pinturas e expôs em mais de 10 países.

Rafael: [00:02:09] O meu nome é Rafael Arias Fernandez. Sou cego total. Aos 16 anos perdi a visão num olho, devido ao glaucoma e perdi completamente a visão em ambos os olhos aos 40 anos. Sou artista e pintor.

Rafael: [00:02:31] Estudei belas artes, design gráfico e fotografia em Madrid, em Espanha, depois trabalhei com várias empresas de publicidade e, posteriormente criei o meu próprio estúdio de design, também em Madrid.

Rafael: [00:02:50] Quando fiquei cego, tive que desistir do meu trabalho em publicidade

e voltei a pintar. Outra paixão minha.

Rafael: [00:03:04] Quando voltei a pintar, refleti sobre como fazer uma pintura sem ver. Depois de muito pensar e estudar criei o meu próprio método e técnica, o que me permite fazer exatamente isso.

Rafael: [00:03:27] Embora essa técnica me permita criar pinturas a óleo numa variedade de temas e estilos, são todos baseados na (minha) memória. Os temas são naturezas mortas, paisagens, nus, etc. num trabalho mais figurativo de estilo realista e impressionista.

Rafael: [00:03:52] Os problemas, as dificuldades que nós como artistas com deficiência enfrentamos? Bem, realmente são muitos. Se já são complicados para os artistas sem deficiência, imagine as barreiras que aqueles de nós que não podem ver estão a enfrentar.

Rafael: [00:04:13] Além da mobilidade e da informação, a sociedade é bastante relutante em acreditar que uma pessoa cega possa pintar. E isso é algo que considero muito frustrante.

Rafael: [00:04:33] Fui rejeitado uma vez numa exposição. A responsável simplesmente não acreditou que tivesse sido eu a fazer aquelas pinturas daquela qualidade, quando na verdade, pinto sempre sozinho e sem ajuda. De qualquer modo, obrigaram-me a sair e fui excluído, como se fosse um mentiroso e não um artista profissional.

Rafael: [00:05:03] A sociedade tem que se consciencializar de que os artistas com deficiência são muito mais capazes do que aquilo que as pessoas pensam. Felizmente, eu tive também as minhas exposições dos meus trabalhos no estrangeiro. Quero partilhar convosco que se pode conseguir mais do que nós, nós mesmos e os outros, podemos pensar. Esta é também a minha mensagem para a sociedade.

Neven: [00:05:24] Gostaria de dar as boas-vindas aos nossos três convidados para o podcast de hoje. Da Bélgica, temos a Caroline Daemon. Ela é uma pessoa com deficiência visual e é uma guia de museu experiente e uma professora no programa de formação de guias especializados em descrição verbal. A Caroline é também membro da EBU cultural network. Olá, Caroline.

Caroline: [00:05:49] Olá.

Neven: [00:05:51] Bem-vinda. Temos também da Bélgica, a Dra. Tamara Ingels. É historiadora da arte, consultora independente de património e também professora no programa de formação de guias. Olá, Tâmara.

Tamara: [00:06:06] Olá, Neven.

Neven: [00:06:08] Bem-vinda ao programa de hoje! E por último, mas não menos importante, dos Países Baixos, temos Birgitta Blockland. Ela é um membro ativo da União Europeia de Cegos, onde desempenha diferentes funções há mais de 20 anos. Ela própria tem deficiência visual e atualmente coordena a EBU Cultural Network. É artista e consultora de arte e inclusão cultural. Bem-vinda, Birgitta.

Birgitta: [00:06:40] Muito obrigada pelo convite. É ótimo estar aqui, Neven. Obrigada.

Neven: [00:06:44] Ok, então podemos começar consigo, Birgitta. Quais os seus comentários sobre a história do Rafael que acabámos de ouvir?

Birgitta: [00:06:51] Bem, o Rafael disse coisas importantes e disse coisas que todos reconhecemos, que lhe aconteceram e que já ouvimos a muitos artistas com deficiência visual. E acho que as três principais questões que ele mencionou foram as questões de acessibilidade, por um lado, o acesso à informação e questões relacionadas com a mobilidade, mas principalmente e mais importante, as atitudes,

Birgitta: [00:07:20] a forma como as pessoas percecionam os artistas com deficiência, o profissionalismo versus alguém com deficiência poder ou não ser um profissional. Claro que somos profissionais. Mas a percepção da sociedade muitas vezes não é essa. E o que ele diz sobre o acesso à informação e mobilidade deriva tudo da falta de consciencialização das pessoas que trabalham. Neste caso, o tema de hoje é o acesso à cultura e ao setor cultural. A informação não está lá. As pessoas não estão consciencializadas ou não estão informadas sobre as potencialidades dos artistas com deficiência. Não sei se temos tempo para desenvolver um pouco os diferentes aspetos que o Rafael mencionou. Ele refere o acesso à informação, que é, claro, muito importante para todos os tipos de trabalho. E como artista, precisamos de saber o que é que está a acontecer e onde estão a decorrer os eventos. Se podemos participar numa exposição nalgum lado, precisamos de saber para que tipo de locais podemos escrever ou enviar informações ou visitar. Se os sítios electrónicos não estiverem acessíveis, a informação não está disponível para nós e é difícil encontrá-la e eu poderia acrescentar muito mais sobre isso. Mas para passar à próxima questão, a mobilidade também é um problema muito grande para as pessoas com deficiência e também para as pessoas com deficiência visual, incluindo os artistas. Se quer um exemplo prático novamente, por exemplo, quando alguém participa numa exposição precisa de transportar as suas obras para o local, para um estúdio de arte ou um museu. Se é um artista com visão e tem carta de condução, talvez possa alugar um carro e ir até ao local e quando tem deficiência visual isso é realmente um grande problema e isso significa que precisa do apoio de pessoas normovisuais. E isso leva-me a uma terceira questão que é uma questão financeira. Obviamente, depende de voluntários que podem ajudá-lo, mas quando é um artista com deficiência visual, precisa de mais apoio e não pode pagar todo o apoio de que necessita. E isso é um grande, grande contratempo em comparação com os artistas sem deficiência.

Neven: [00:10:08] Bem, voltaremos a falar consigo se for possível, porque quero apresentar a nossa segunda profissional da cultura que também tem deficiência visual, mas que trabalhou muito para não deixar que as barreiras a parassem. Vamos ver se temos a Caroline connosco.

Caroline: [00:10:27] Sim, estou aqui. Em 2004, perdi a maior parte da visão. E nessa altura eu trabalhava como funcionária na Universidade de Louvaina e eles não tiveram outra oportunidade para mim, um trabalho adaptado. Por isso vim para casa, sem qualquer objetivo de vida. E em 2008, comecei a frequentar uma formação de guia de museus e esse ano foi muito difícil para mim. Os professores não me conseguiram dar as ferramentas digitais de que eu precisava e não achavam que fosse possível exisitir um guia quase cego. Disseram que, devido à minha deficiência visual, eu não teria a relação adequada com o meu grupo. E eu segui todos os modelos que tinha que seguir, fiz o meu exame duas vezes. Os outros alunos tiveram apenas que fazer uma visita guiada. Eu tive que fazer duas. E no final nunca consegui o meu diploma e não consegui o reconhecimento como guia. Mas tive a oportunidade de começar como uma guia para pessoas cegas e com baixa visão no New Museum em Lovaina. E poderia também ter começado em Bruxelas no Museum of Fine Arts. Mas em 2010, ainda tinha medo de me deslocar de elétrico e a pé, sozinha, para Bruxelas. Por isso, não trabalhei no museu em Bruxelas, mas apenas em Lovaina. Comecei como guia estagiária, mas não foi uma boa solução, porque, por cada visita guiada eu ganhava 30 euros e a minha pensão por invalidez era muito superior. Mas cada vez que eu fazia uma visita, perdia um dia inteiro de pensão por invalidez e por isso tinha que tirar férias nas poucas horas de trabalho para fazer as visitas e optei por trabalhar como voluntária. Mas, por isso, perdi toda a credibilidade e respeito dos meus colegas e senti que já não era um deles. E depois de algum tempo, eles disseram-me no museu que as pessoas ou guias normovisuais poderiam fazer o meu trabalho ainda melhor do que eu. Por isso, eu saí do museu de Lovaina e caí numa depressão severa.

Neven: [00:14:10] Bem, eu posso compreender isso, porque eles falharam de muitas maneiras ao não compreender a sua situação. E, na verdade, se entendi corretamente, as estruturas tornaram impossível o seu trabalho nesta área.

Caroline: [00:14:25] Eu queria fazer alguma coisa. Eu queria fazer alguma coisa para as pessoas, sim, com a minha deficiência, mas era impossível. E há mais de 10 anos, conheci a Tamara e tornámo-nos boas amigas. E no ano passado, devido ao Corona, participei em várias sessões de arte online, principalmente da Tamara. E para mim, foi muito bom participar nas sessões dela. Ela conhece as minhas necessidades. Mas fala das minhas necessidades também às pessoas normovisuais. E por isso foi bom. Mas tambem participei sempre nalgumas sessões online para pessoas com deficiência visual. E essas sessões não foram boas. Por isso a Tamara e eu criámos a Argus Association. E todos os meses, realizamos uma sessão de arte adaptada para pessoas com deficiência visual e as pessoas normovisuais também podem participar. Para elas, é arte lenta. Mas mesmo assim, eu gosto de o fazer. Gosto de dar essas sessões e a Birgitta já participou nalgumas das nossas sessões. Mas devido à minha pensão de invalidez, não posso ganhar nada. Eu tive que escrever uma declaração dizendo que não recebo qualquer pagamento por todo o trabalho de guia. A minha parte fica na conta.

Neven: [00:16:18] E de facto é triste, de certa forma, tenho que dizer.

Caroline: [00:16:20] E também gosto de dizer isso. Desde o ano passado, juntei-me ao EBU Culture Network, onde também trabalho em conjunto com a Birgitta. Esta é a minha história.

Neven: [00:16:35] Ah, esta é uma história fantástica. Bem, voltaremos a si, Caroline, para a ouvir. Temos o privilégio de ter também aqui connosco a Tamara que tem a experiência deste novo projeto consigo. Então, Tamara, podia dar-nos a sua perspectiva sobre o assunto?

Tamara: [00:16:56] Olá, Neven. Sim, estou feliz por este convite. Na verdade, sou professora num programa de educação de adultos para guias e formamos Guias Turísticos e de Museus numa escola em Bruxelas chamada Ceville Brussels Campus COVI. E temos um programa que é aberto a pessoas normovisuais e com deficiência visual. Tentamos trabalhar a nossa ideia de inclusão dentro da cultura e do acesso à cultura. Mas sentimos que, infelizmente, existem vários problemas no acesso à cultura e ao campo cultural. E graças à minha amizade com a Caroline, percebi que há muito mais do que apenas alguns pequenos problemas. Ela foi minha aluna, como ela também já disse e devo dizer que ela me ensinou muito sobre como olhar a arte de maneiras muito diferentes. Eu sou uma historiadora da arte. Mas ela ensinou-me a olhar para a arte de uma maneira muito diferente e, de facto, aprendi que podemos aprender muito com as pessoas com deficiência visual a olhar para a arte. E foi pela nossa amizade e por todas as frustrações que a Caroline acabou de mencionar, que começámos a Argus. Começámos a colaborar para ver se podíamos trabalhar nesta ideia de inclusão, com as pessoas normovisuais e com deficiência visual a trabalhar juntas a olhar para a arte e a falar sobre arte. E sim, funciona e funciona maravilhosamente, porque é claro que finalmente temos um programa muito acessível.

Tamara: [00:18:47] Mas também temos esta ideia de que olhar para a arte pode ir muito devagar, pode ir muito rapidamente, mas de certa forma, todos nós temos que aprender a olhar para a arte de uma maneira muito diferente. Agora, o que mais me incomoda nisto tudo é que, na verdade, somos ambas iguais. Trabalhamos como iguais, mas eu posso ser paga como uma pessoa normovisual. Mas a Caroline ainda não pode ser paga. Que loucura é esta? Na verdade, também nos deparamos com o mesmo problema no programa de formação de professores. Também temos o mesmo problema no programa de formação de guias, onde as pessoas com deficiência visual podem, de facto, ter acesso à educação. Mas a questão é: elas têm acesso ao mercado de trabalho? E é por isso que quisemos partilhar esta história da Caroline, porque se se pode concluir a formação e, mesmo segundo a Caroline, se se pode receber um diploma, será possível a uma pessoa com deficiência visual encontrar um emprego de guia no sistema atual na Bélgica, ou mesmo na Europa? E acho que temos muito trabalho a fazer para tornar isto possível e mostrar às pessoas que sim, isto é possível desde que trabalhemos juntos, desde que percebamos que ser igual é muito mais importante, desde que possamos trabalhar a partir da ideia de inclusão e que, as duas seremos mais fortes.

Tamara: [00:20:27] Este é o ponto principal. Mas estou muito grata à Caroline, porque ela realmente me ensinou que olhar para a arte é um processo ao longo da vida e acontece muito que ela me faz perguntas sobre uma obra de arte e eu tenho que lhe responder. “Hum: Eu não vi isso”. É devido à sua pergunta que eu consigo interpretar muito melhor uma obra de arte. E também ouvi a Birgitta e o Rafael a dizerem que também há problemas para os artistas conseguirem esse reconhecimento. E isso é horrível. Este é o mesmo problema. Temos que fazer algo sobre isto. Temos que perceber que não é por se ser uma pessoa com deficiência visual, que alguém não pode ser um guia ou um artista. Não, vocês têm muito mais a dizer do que o artista com visão e o guia com visão. Vocês têm uma maneira diferente de ver o mundo, o que é interessante para todos. Por isso vamos partilhar.

Neven: [00:21:35] Mas por exemplo, eu coloco a questão à Caroline, diria que seria possível fazer o projeto que fez com a Tamara noutros países da Europa?

Caroline: [00:21:55] Sim seria possível, sim.

Neven: [00:21:56] Tem alguma recomendação para as pessoas sobre como elas poderiam começar? Como poderiam fazer? Como poderiam encontrar os mesmos caminhos que seguiu?

Caroline: [00:22:06] Acho que antes de tudo tem que existir uma boa relação entre a pessoa com deficiência visual e a pessoa normovisual. Tem que haver um clique entre as duas pessoas. Mas depois pode-se fazer tudo, acho eu, Tentei explicar, por exemplo, art nouveau às pessoas cegas, em junho. Ora isso estava muito fora da minha zona de conforto, mas correu bem. Consegui fazer isso. E se eu posso fazer isso, as outras pessoas também o podem fazer.

Neven: [00:22:50] Interessante. Então, o segredo é encontrar alguma dedicação, pessoas determinadas, tanto nas pessoas com deficiência visual, como nas pessoas normovisuais.

Caroline: [00:23:02] Sim, tem. Tem que haver duas pessoas que se entendem bem. Sim.

Neven: [00:23:12] E consigo, Tamara, no seu entender quais são os segredos do seu sucesso?

Tamara: [00:23:16] Eu acho que o segredo do nosso sucesso é o facto de nos divertirmos a fazer isto. E a Caroline começa a rir e isso é um bom sinal para mim. Mas esta é a primeira parte, porque devido a isto é que começámos a ser iguais e inclusivos uns com os outros e a entender-nos. Nós gostamos muito mais de falar sobre a arte e partilhar isto com outras pessoas. Por isso, acho que uma das coisas mais importantes é entusiasmar-se com o que faz e tentar seguir uma metodologia muito boa. Certifique-se que recebe muitos comentários e pode aprender com o que outras pessoas dizem. Mas principalmente, acho que as pessoas ouvem e vêm às nossas sessões porque nos divertimos.

Caroline: [00:24:13] É esse o clique que temos.

Neven: [00:24:15] Fantástico. Bem, eu tenho uma última questão para si, sobre este caso: mas como é que consegue fazer isso como um projeto profissional sério e não como uma espécie de caridade onde a pessoa normovisual sente pena da pessoa cega? Quero dizer, como garante que isto é realmente profissional?

Tamara: [00:24:40] Essa é uma pergunta muito difícil. Acho que criámos a Argus, principalmente porque queríamos chegar ao nível do profissionalismo e só assim o podemos fazer com profissionalismo e de modo a que a Caroline possa colaborar. Assim, acho que este é o primeiro passo para criar uma estrutura muito boa na qual possamos trabalhar. E espero que, com o tempo, essa estrutura se possa tornar em algo que também apoie a Caroline, porque isto é absolutamente necessário. Ela é maravilhosa e nós só temos que ter a certeza de que ela também está protegida e pode continuar a trabalhar da mesma forma, porque é uma mensagem muito importante que ela está a passar para o mundo. “Olá, eu posso fazer isso”.

Neven: [00:25:36] Maravilhoso. Muito obrigado por isso, Tamara e Caroline. Então Birgitta, é também, como sabemos, uma artista cega. E eu pergunto: Tem algum comentário sobre este exemplo de sucesso, na Bélgica?

Birgitta: [00:25:54] Com certeza. Acho que é um ótimo exemplo de como podemos reagir a uma situação que queremos ver mudada. E se a situação não mudar, encontramos uma alternativa. Nós, as pessoas cegas e com baixa visâo, somos solucionadores de problemas. Somos transformadores. Somos “buscadores” de soluções e este é um excelente exemplo disso. E, claro que, o que realmente gostaríamos de ver é que este tipo de iniciativas fantásticas estivesse alinhado com as iniciativas do setor cultural, para que estas sessões, por exemplo, que a Tamara e a Caroline estão a organizar, não fossem as únicas, mas fossem também disponibilizadas pelos museus e que os teatros e até os cinemas e as atividades desportivas fossem inclusivos para o público mais abrangente que podem servir. E a base para que isto possa acontecer já foi tão bem explicada pela Tamara. Acho que precisamos uns dos outros e temos que ser inclusivos e é realmente maravilhoso ver esta iniciativa e fico triste que estas iniciativas sejam necessárias. Assim, espero realmente que isto seja algo que possa ser trabalhado em paralelo para que o setor cultural o aceite. E quero também referir que nem sempre é porque as pessoas não querem ser inclusivas, mas há esta percepção errada de que é problemático, complicado, é caro, que não há a quem recorrer. As pessoas realmente

Birgitta: [00:27:44] e, por pessoas, quero dizer o setor cultural em geral, eles realmente não sabem onde obter as informações. Como sabe, eles têm (disponível) o Artigo 30º da CDPD da ONU, mas a CDPD da ONU foi ratificada na Europa e os países têm que começar a implementá-la na legislação. E, como sabe, existe na União Europeia a Lei da Deficiência e também todos os planos muito bons para a cultura. Mas como implementar a legislação? O setor cultural enfrenta agora a obrigação de ser inclusivo, mas ninguém lhe diz como o fazer e nós podemos dizer-lho. Temos o conhecimento e a experiência e somos os profissionais que podem ajudar o setor cultural neste campo a implementar não apenas a legislação, mas a ser mais inclusivo e alargar o seu público, o que também é benéfico para o póprio setor. Assim, ficamos felizes por o ajudar e, claro que é também o que a CDPD da ONU estipula. E a Tamara também referiu isso. É muito importante incluir-nos, às pessoas com deficiência visual, desde a fase inícial dos projetos e somos profissionais. Somos especialistas, sabemos do que estamos a falar e podemos falar em nome de um grande grupo de pessoas com deficiência visual. E é o que fazemos na EBU.

Birgitta: [00:29:20] A EBU é uma organização europeia que representa mais de 30 milhões de pessoas com deficiência visual em toda a Europa. Assim, mesmo em

países fora da Europa - Europa geográfica - em todos esses países, existem organizações nacionais de pessoas com deficiência visual e elas podem falar em nome de um grupo maior para conhecer as suas necessidades e são os especialistas que podem ajudar tanto um governo a fazer regras sobre como implementar a legislação, como também as partes individuais do setor cultural, de museus a teatros a eventos desportivos e todos os tipos de aspectos culturais. E é aí que começa. Começa com a colaboração e como sempre dizemos, “Nada sobre nós sem nós”. Incluam-nos e juntos podemos conseguir muito mais e podemos aprender uns com os outros. Não nos incluam apenas na fase final, quando já gastaram o dinheiro e pensam com as melhores intenções. As pessoas que não têm a experiência e o conhecimento tentam pensar em formas para tornar o seu museu mais acessível a um público com deficiência visual. E depois, no fim, quando já tiverem feito tudo isso, eles procuram algumas pessoas com deficiência visual que o possam testar. E muitas vezes isso não chega.

Neven: [00:30:57] Qual diria que é então o principal problema, quero dizer, é o conhecimento dentro do setor cultural, ou é, como eles próprios pensam por vezes, uma questão de dinheiro ou outra coisa? Qual diria que é o principal desafio para que estas soluções, que referimos, não estejam a acontecer?

Birgitta: [00:31:16] É uma atitude e as atitudes derivam do conhecimento. Assim é a atitude, são as percepções que as pessoas têm, que resultam da falta de conhecimento. Por isso, o que nós, enquanto organizações e indivíduos, mas principalmente enquanto organizações, temos que consciencializar, é aquilo que o Rafael Arias começou por referir na sua apresentação. Consciencializar para que as pessoas mudem a percepção que têm, que quando alguém tem uma deficiência, no nosso caso, uma deficiência visual, tanto o Rafael como a Caroline mencionaram isso, de um momento para o outro já não seja visto como um profissional. Não. Esta percepção, nós temos que a mudar e isso faz-se através da consciencialização. Assim, uma vez que as pessoas estejam consciencializadas, podemos dar-lhes as informações para compreenderem qual é a implicação de uma deficiência visual. Eu posso ser profissional. Todos nós podemos ser profissionais. Mas, para executar o nosso trabalho, precisamos de certas condições e dessas condições e talvez também apoios e, como mencionei anteriormente, um assistente pessoal para nos apoiar na mobilidade ou a encontrar informações ou em qualquer outra tarefa. Portanto, há certas condições e apoios de que precisamos para poder realizar isto. E acho que uma vez que isso seja compreendido, as pessoas estão disponíveis. Nós criamos o compromisso de fazer esta mudança. Mas a outra parte muito importante da informação e falta de informação com que ainda nos deparamos hoje é que eles não sabem como o fazer.

Birgitta: [00:32:59] Assim que os fizermos compreender por que é que algo é importante podemos dizer-lhes, mas neste momento eles não chegam até nós. Aparentemente, eles não sabem onde nos encontrar, ou não nos procuram. Por isso, precisamos de lhes explicar e dizer que podemos ajudá-los. Eles não precisam investir e gastar muito tempo e dinheiro a tentar encontrar soluções. Eles têm que entrar em contato connosco e incluir-nos desde o início de um projeto para perceber se ele é ou não realmente útil para nós. Podemos, inclusivamente, dizer-lhes que ele deve ser rejeitado, mas que precisamos de outras soluções e podemos ajudá-los. Podemos (também) ajudar com a informação na legislação. Temos o conhecimento, a experiência e o profissionalismo para fazer isso. E não é assim tão caro nem tão difícil e estamos aqui para ajudar o setor cultural. E assim, se o público deste podcast incluir legisladores, decisores e pessoas do setor cultural, estes podem entrar em contato com a União Europeia de Cegos através do nosso site www.euroblind.org onde encontrarão todas as organizações membros e os países onde podem encontrar a informação e o apoio para serem mais inclusivos.

Neven: [00:34:23] Muito, muito obrigado a todos. Acho que hoje foi um podcast muito interessante, tanto olhando para os desafios que temos, como também conhecendo algumas soluções muito interessantes. Por isso, muito obrigado por ouvir o podcast de reportagem sobre os direitos. Este programa faz parte do projeto europeu PARVIS, e é coordenado pela União Europeia de Cegos, a Associação Sueca de Deficientes Visuais e a Eye Association dos Países Baixos. O projeto é apoiado pelo Programa Direitos, Igualdade e Cidadania da União Europeia. E agora, ficou com curiosidade sobre nós e gostaria de saber mais? Bem, quando puder, consulte os contatos detalhados nas notas do programa. Obrigado também ao nosso técnico de som Emiel Cornelisse. Encontramo-nos no próximo podcast! Adeus!

Locutora1: [00:30:21] Este podcast foi apoiado pelo Programa Direitos, Igualdade e Cidadania da União Europeia.

FIM DO DOCUMENTO